

Universidade de Brasília Instituto de Letras – IL Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP Curso de Letras Português

## **BRENDA CRUZ GOMES**

# UMA ANÁLISE DAS OBRAS DA LITERATURA SURDA INFANTIL DO BRASIL

## **BRENDA CRUZ GOMES**

## UMA ANÁLISE DAS OBRAS DA LITERATURA SURDA INFANTIL DO BRASIL

Monografia apresentada ao Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília (UnB), como requisito da disciplina Seminário de Português.

Orientadora: Profa. Ms. Daniela Prometi

**RESUMO** 

Este trabalho versa sobre literatura infantil, literatura surda, cultura surda e os tipos de

produção escrita para e pelo o povo surdo. Esses itens são seções que delineiam temas como

identidade, representatividade, diversidade, resiliência, empoderamento, valorização da língua

de sinais brasileira e escrita de sinais, com o objetivo de, a partir dessa discussão, analisar o

que já foi produzido e publicado por editoras, além de, tratando-se de materiais bilíngues e

trilíngues na linha da Literatura Surda Brasileira, analisar quem são os autores – se são surdos

ou ouvintes -, quais foram os gêneros textuais mais prestigiados, o ano de publicação e o tipo

de produção – tradução, adaptação ou criação –. Para a metodologia de pesquisa e a análise de

dados dessas obras, fez-se um recorte temporal, delimitado pela própria investigação, do ano

de 1999 a 2015; obtendo como resultado números interessantes e inesperados em relação às

questões levantadas.

Palavras-chave: Literatura surda. Literatura surda infantil. Material bilíngue.

**ABSTRATCT** 

This article expoun on children's literature, deaf literature, deaf culture and the types

of production written by and for deaf people. These items are sections that outlined issues

such as identity, representativity, diversity, resilience, empowerment, appreciation of the

Brazilian sign language and written signs, with the aim of, from that discussion consider

what has already been produced and published by publishers, plus, in the case of bilingual and

trilingual materials in line of the Brazilian deaf literature, who are the authors - if they are

deaf or hearing - which were the most prestigious textual genres, year of publication and the

type of production - translation, adaptation or creation -. For the research methodology and

data analysis of these works, was made a time frame, delimited by the investigation, from

1999 to 2015; obtaining as a result interesting and unexpected numbers in relation to the

issues raised.

**Keywords:** Deaf Literature. Deaf Children's Literature. Bilingual Material.

## **SUMÁRIO**

APRES	SENTAÇÃO	6
CAPIT	ΓULO 1 – DELIMITAÇÃO DA PESQUISA	8
1.1	BREVE HISTÓRICO DA LITERATURA SURDA DO BRASIL	8
1.2	TEMA DO TRABALHO E OBJETO DE ESTUDO	10
1.3	OBJETIVOS	10
1.3.1	OBJETIVO GERAL	10
1.3.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	10
CAPÍT	ΓULO 2 – REVISÃO DA LITERATURA	11
2.1 LIT	ΓERATURA INFANTIL	11
2.2 CO	ONHECENDO UM POUCO SOBRE A LITERATURA SURDA	14
2.3 CU	ULTURA SURDA – PRODUÇÕES E ARTEFATOS CULTURAIS	15
2.4 TR	ADUÇÃO, ADAPTAÇÃO E CRIAÇÃO NA LITERATURA SURDA	18
CAPIT	TULO 3 – METODOLOGIA	24
CAPIT	ΓULO 4 – ANÁLISE DE DADOS	26
CONS	IDERAÇÕES FINAIS	31
DEFEI	PÊNCIAS RIRI IOCRÁFICAS	22

## **APRESENTAÇÃO**

A motivação inicial para entrar em um curso de graduação era obter conhecimento para, assim, auxiliar as pessoas em suas necessidades. A princípio, a escolha foi pela cura do corpo, a medicina, mas a paixão pela literatura e a possibilidade de imersão em outros mundos, histórias e vivências por meio de outros personagens, conduziram-me para a cura da alma, as letras. Foi a alternativa feita por uma jovem que só tinha contato com estórias romanescas e acreditava que veria o mesmo na universidade, perpassando as diferentes escolas literárias. Entretanto, posteriormente, percebi que o curso ia muito além da minha zona de conforto e lidava com questões tão profundas quanto o ideal de romance. E, desde o início dessa caminhada rumo ao diploma, unido a minha habilidade comunicativa, havia a imensa vontade de aprender a me comunicar com os surdos e de entender o que eles tanto sinalizavam durante as missas. No entanto, durante quatro anos, não consegui adquirir a disciplina, por não estar no meu fluxo de habilitação e devido ao grande número de alunos que a solicitavam. Sem perder a confiança, em meu último semestre na universidade, consegui receber esse presente e estava matriculada nas aulas de Língua de Sinais Brasileira (Libras).

Adentrei a matéria e, a partir da ementa ofertada, aprendi a decodificar os sinais por meio dos cinco parâmetros, a me comunicar realizando uma boa configuração de mão, não errando a orientação, o movimento, ponto de articulação ou expressão facial e/ou corporal, mas ainda faltava algo. Não havia ingressado no curso de Letras para aprender a escrever de acordo com a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), matriculei-me para compreender o sentido que havia por detrás das palavras. Era isso que me fazia falta na disciplina de Libras, poder entender o sujeito surdo e depreender de sua língua suas constituições familiares, educacionais, esportivas, artísticas, políticas e sociais. Almejando esse conhecimento, decidi desenvolver meu trabalho de conclusão de curso nessa linha de pesquisa, aliada ao encanto pela literatura, uma vez que também estava curiosa sobre a formação e a composição da Literatura Surda.

Dessa forma, inicia-se a monografia, e tanto a pesquisa quanto os dados colhidos foram manifestando seus resultados um a um. A averiguação foi sendo delineada em quatro capítulos, nos quais estão abordados: um sucinto histórico a respeito da Literatura Surda do Brasil, a Literatura Surda e Infantil, a produção de artefatos culturais da cultura surda e os

tipos de produção dessa literatura, a criação de uma tabela de dados referente à produção de livros para surdos e a análise desses dados.

No capítulo 1, discorre-se a cerca da delimitação da pesquisa em um conciso histórico da Literatura Surda do Brasil, desde a sua localização em documentos ou vídeos até a contemporaneidade; dos principais iniciadores e perpetuadores dessa literatura; e dos objetivos deste estudo. No capítulo 2, há uma análise sobre o que é literatura e sobre o que ela versa; a literatura infantil e as mudanças que ela sofreu em conteúdo, a estrutura e a finalidade ao longo dos séculos e dos autores; sobre a literatura surda, a cultura surda, os artefatos culturais surdos, os tipos de produção dessa cultura e a relação entre eles. No capítulo 3, tratase da metodologia utilizada; do recorte que possibilitou a origem das apurações, quantitativa e qualitativamente, e como os dados oriundos foram divididos para posterior interpretação. No quarto e último capítulo, analisa-se os dados, a quantidade de obras reunidas, levanto problemáticas editoriais e lexicais, além de explorar os resultados e sua aplicabilidade no contexto social.

## CAPITULO 1 – DELIMITAÇÃO DA PESQUISA

#### 1.1 Breve histórico da Literatura Surda do Brasil

A Literatura Surda traz história de comunidades surdas em diferentes lugares e tempos. Os surdos e essas comunidades compartilham as suas histórias, contos, piadas, entre outros, para a sociedade externa, ou seja, a comunidade ouvinte. Isso porque, os surdos sabem dos modelos e dos valores históricos através de várias gerações de surdos, existindo várias narrativas em Libras, contadas por famílias ou adaptadas da cultura ouvintes para a cultura surda. Segundo Strobel (2008, p.60):

Os povos surdos olham para suas trajetórias vivenciadas no passado e no presente e percebem muitas realizações deslumbrantes dos pioneiros da cultura surda. A história de surdos é longa e complexa, existe há dezenas de milhares de sinais, os povos surdos usam inúmeros meios de se comunicar através da língua de sinais, desenhos, expressões faciais, corporais e imagens visuais.

Como evidenciado por Strobel (2008), apesar da longa trajetória histórica dos surdos, não é possível apresentar e localizar por vias gráficas e filmadas textos escritos e vídeos produzidos por eles de tempos passados, dado o fato de a documentação em escrita de sinais e os vídeos serem uma invenção de poucas décadas atrás. A literatura surda, então, constituiu-se de forma diferente, assemelhando-se às culturas que difundiram suas memórias de modo oral. Logo, neste trabalho, é realçada a produção mais atual, desenvolvida com o auxílio da tecnologia, aquela produzida em CD, DVD, *signwriting* ou com sinais impressos. Mas, antes de chegar às obras de fato, serão elencadas aqui algumas pessoas determinadas, escritores e estudiosos que se demonstraram imprescindíveis para que a Literatura Surda Brasileira crescesse e expandisse ao nível em que se encontra hoje. Para tanto, inicia-se com a recordação de um dos artefatos culturais mais importantes para os surdos, o artefato linguístico, que, sobrevivendo, precedeu a Literatura Surda.

No Brasil, foi fundada, em 1857, a primeira organização qualificada em ensino especial para surdos e mudos, atualmente nomeada de Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES); na época da fundação, vigorava a língua de sinais largamente influenciada pela língua de sinais francesa, língua do fundador do Instituto, Hernest Huet. Por ser a única

escola no Brasil e na América Latina especializada, os alunos que iam a ela voltaram para as suas cidades e propagaram pelo Brasil essa forma de comunicação.

Inseridos nesse período de aparente liberdade comunicativa, a cultura predominante ainda era a ouvintista. Com a chegada do Congresso de Milão, em 1880, e de todos que acreditaram em sua eficácia, os sujeitos surdos foram impedidos de utilizar a própria língua, pois médicos, fonoaudiólogos e professores acreditaram que a insistência na educação oralista era o melhor para eles, para que chegassem o mais perto possível da cultura da normalidade, que, nessa perspectiva, era a de uma pessoa que ouvia.

O artefato linguístico continuou subsistindo graças à persistência de sujeitos surdos, ao longo da história, em se comunicar por língua gestual, mesmo que escondido em grupos, nas escolas ou nas escolas internas; mais tarde, essa língua foi reconhecida, institucionalmente, por Libras. Devido a questionamentos sobre diversidade, inclusão e ineficiência do ensino oral, foram surgindo escolas de educação para excepcionais; instituições de assistência às pessoas com deficiências mental, físicas e sensoriais; educação especial; além da tentativa de incorporar a educação especial no sistema geral de ensino e da escola inclusiva.

Introduzidos nesse contexto de comunicabilidade restrita, perdurava algumas histórias sinalizadas de pessoa a pessoa, como algumas piadas e fábulas que faziam parte das experiências das comunidades surdas. Com o advento de novas pedagogias para crianças surdas e da câmera, a institucionalização da língua de sinais brasileira em 2002 e a possibilidade de rápida divulgação de qualquer conteúdo na internet, pouco a pouco foi surgindo o registro escrito e filmado da Literatura Surda Brasileira, a qual sempre existiu, mesmo que somente na memória de seus representantes.

Alguns dos pioneiros teóricos que auxiliaram nesse crescimento começaram a aparecer a partir dos idos de 50, sendo representantes ouvintes, como Ronice Quadros (1997), Carlos Skliar (1998) e Lodenir Karnopp (2008), e, mais recentemente, representantes surdos, como Gladis Teresinha Taschetto Perlin (1998), Carolina Hessel (2003), Fabiano Souto Rosa (2006), Karin Strobel (2008) e Cláudio Henrique Nunes Mourão (2012).

A partir desta pesquisa, veremos produções literárias em línguas de sinais, conhecendo autores surdos e obras produzidas em sinais. Objetiva-se catalogar e reunir o acervo de textos literários que são contados nas comunidades surdas e entre os surdos, mas é claro que não serão todos mostrados na pesquisa. Procura-se analisar o maior número possível de obras produzidas em sinais destinadas ao público infantil.

## 1.2 Tema do trabalho e objeto de estudo

Neste trabalho, será desenvolvido o tema: Uma análise das obras da literatura surda infantil do Brasil. O objeto de estudo é analisar e investigar as obras da literatura surda infantil a fim de colher as informações e os dados para análise em relação a quais obras foram criadas pelos surdos ou criadas pelos ouvintes e quais obras foram adaptadas para a Língua de Sinais Brasileira ou traduzidas do português para a Libras.

Segue-se a exposição dos objetivos no item seguinte.

## 1.3 Objetivos

#### 1.3.1 Objetivo geral

Neste trabalho, temos o propósito de realizar uma pesquisa quantitativa e exploratória, para analisar as obras da Literatura Surda Infantil.

#### 1.3.2 Objetivos específicos

Os objetivos específicos deste trabalho são:

- a) investigar as obras da Literatura Surda;
- b) analisar as obras da Literatura Surda para o público infantil;
- c) coletar as obras da Literatura Surda Infantil para a análise de dados;
- d) elaborar uma tabela para analisar as obras da Literatura Surda Infantil;
- e) separar as obras da Literatura Surda Infantil de acordo com a tabela criada.

## CAPÍTULO 2 – REVISÃO DA LITERATURA

#### 2.1 Literatura infantil

Literatura é toda manifestação artística escrita de um determinado grupo ou país, que delineie alguma questão filosófica, social, cultural e/ou política em prosa ou em verso. Remetendo a filosofia aos aforismos, às aporias, às idiossincrasias e à hermenêutica; o social às problemáticas de classe, à raça, ao gênero, ao sexo e à etnia; o cultural ao conjunto de pontos intrínsecos à origem, à formação e ao desenvolvimento de um país; a política ao gerenciamento e à condução de um Estado e de um povo.

Partindo do que ela é para sobre o que ela dialoga, a literatura se nutre e tem como ponto concernente as extremidades situacionais do cotidiano, como o contraponto entre a igualdade e a diferença, a identidade e a alteridade, a diversidade e a desigualdade. É com base nesses tópicos que começam a se desvelar algumas nuances deste trabalho, uma vez que o ser humano enquanto ser social necessita expressar suas memórias, histórias, conhecimentos e sentimentos.

Dessa forma, a literatura introduz-se como uma segunda pele no escritor, no leitor, incapaz de se dissociar da primeira, o próprio conteúdo, tomando, muitas vezes, suas formas e contornos. Conforme escreveu Roland Barthes (1977, p. 64), em *Fragmentos de um discurso amoroso*, sobre a linguagem do amante, aplicada aqui à linguagem do literato que se esfrega no receptor de várias maneiras: "A linguagem é uma pele: esfrego minha linguagem no outro. É como se eu tivesse palavras ao invés de dedos, ou dedos na ponta das palavras".

Faz-se necessário a discussão inicial sobre o que é literatura, o conteúdo que ela discute e qual a sua finalidade, pois há uma prioridade no mundo das letras em escrever sobre o homem adulto, branco, classe média, heterossexual e residente em grandes centros urbanos; é o que mostra o artigo que analisa os vários tipos de personagens presentes em 258 romances de autores brasileiros, lançados pelas editoras mais fortes do mercado, sobre a Literatura Brasileira Contemporânea de 1990 até 2004 (DALCASTAGNÈ, 2005).

O conjunto de obras literárias voltado para uma minoria, como essa própria minoria, é marginalizado e segregado; tendo como exemplo a literatura para deficientes, infantil, negra, feminina, gay, cigana e de outros expatriados. Apesar desses grupos reclusos estarem

presentes na grande maioria das obras, por tantas vezes compondo o ambiente, não é dada/concedida a eles a voz que destaca, o papel principal, a atuação empoderadora.

Na realidade desses segregados, há uma controvérsia social entre os sinônimos de dar, que são ceder – dar algo a alguém – e conceder – permitir algo -, pois a esses grupos minoritários, por meio da liberdade de expressão, é cedida e concedida a possibilidade do se manifestar, pelo meio literário, por exemplo; mas não há tantas possibilidades, oportunidades ou espaços que os recebem, consequentemente não há poder, turno de fala e reconhecimento social do trabalho produzido.

Por isso, considera-se aqui a literatura, mais especificamente a literatura infantil surda, não sem antes expor a indispensabilidade de livros especializados voltados para esse público, para o pleno desenvolvimento intelectual, cognitivo psicológico, afetivo e social da criança – na acepção de obter novos aprendizados sobre si e sobre o outro, por intermédio de diferentes histórias e estórias, vivências e personagens.

Dado o fato que, ao longo da história, à criança não era dada tanta atenção até o eclodir da Revolução Industrial, pois, a partir do momento que se tornaram um pouco independentes, foram vistos como pequenos homens e mulheres que deveriam lutar pela própria sobrevivência como todos os outros lutavam. A bem da verdade, desde Platão, passando pela Idade Média e chegando à segunda metade do século XVIII, eram observadas como inferiores em relação aos adultos, como seres que estavam em transição para se tornarem algo – sendo a infância uma mera fase e não um período da vida de constituição de opiniões e de personalidade. Foram notadas, ainda que de maneira tímida, a partir do momento que tiveram o papel social alterado, com base no capitalismo.

Essas considerações não foram diferentes em relação à literatura infantil. Se o processo de reconhecimento da criança, não apenas como infante, como aquela que não fala, foi tardio, a evolução de obras literárias voltadas para elas seguiu o mesmo caminho, como comenta Anderson da Mata (2006, p. 25):

Desse modo, fala-se muito sobre a criança e também por ela. Menor incapaz, segundo a legislação brasileira, ela não pode dispor sobre os rumos de sua vida, não é ainda cidadã plena, o que implica que ela tem profundas limitações nas suas possibilidades de ação frente ao mundo.

Não obstante, as primeiras narrativas infantis que surgiram foram as conhecidas hoje como *Contos de Fadas*. Compiladas primeiramente por Charles Perrault ao final do século XVII na França, por sentir urgência de enredos próprios para seus filhos, reorganizadas sob o

título de *Histórias* ou *Contos do tempo passado com moralidade*, posteriormente e mais conhecida como *Contos da Mamãe Gansa*, tinham como origem as narrações transmitidas de modo oral, de geração em geração.

Por muitas vezes os relatos originais terem conteúdo obsceno ou brutesco, foram adentrados no centro de uma nova cultura literária e suavemente alterados, de modo que tinham a intenção de civilizar e educar crianças, dado o fato de todo final conter uma moral. Por esse motivo, vê-se claramente a punição dada àqueles que fazem o mal e o prêmio para aqueles que fazem o bem.

Inclusive, como a França na época de Perrault era absolutista, clerical e burguesa, em meio à peste bubônica, com péssimas condições sanitárias e agrárias, não havia abertura para personagens encantados. A vivência com a morte e a fome constantes não permitia essa abertura, exigia-se uma maior centralidade da realidade.

Em contrapartida, os contos foram sendo modificados pelos irmãos Jacob e Wilhelm Grimm, o que se relacionava ao século XIX, ao princípio do Romantismo na Alemanha, consequentemente ao instinto de nacionalidade e às motivações dos companheiros para compilar, e, assim, à vontade de manter viva e impressa para a posteridade os contos orais alemães, na intenção de valorização da cultura popular em oposição à crescente ameaça industrial e urbanística.

Logo, tornou-se notória a presença de fadas, bruxas e de outros seres mágicos não vistos propriamente nas obras reorganizadas de Perrault. Antes as fadas apareciam sob o manto de uma boa pessoa, uma madrinha; as bruxas sob o manto de uma madrasta, más irmãs. Com o tempo, esses personagens foram adquirindo novos contornos e possibilidades de personificação dentro de cada país, dentro de cada contexto sócio histórico; observa-se, inclusive, que o público inicial dos irmãos Grimm não era o infantil, mas se tornou devido à incessante impressão e popularização de seus escritos.

Não diferentemente ocorreu com Hans Christian Andersen, que viveu no mesmo período que os Grimm, mas na Dinamarca. Ganhou notoriedade por suas peças de teatro, sua poesia, seus romances e sua descrição de viagens, contudo, especialmente por recopilar histórias e por seus contos de fadas autorais. Não obstante, realizou algo diferente de seus predecessores, reclamou o direito de alguns contos, mesmo assentindo que alguns provinham de inspiração do que ele ouviu na infância.

#### 2.2 Conhecendo um pouco sobre a Literatura Surda

Em conformidade com a importância da literatura para a compreensão de mundo e a construção da identidade de qualquer pessoa, principalmente por parte de uma criança, a Literatura Surda se legitima, como em qualquer país, também em bases filosófica, social, cultural e política. Tendo surgido devido à insuficiência de conteúdo adequado em vídeo, em textos sinalizados e na primeira língua da maioria dos surdos, a Língua de Sinais Brasileira (Libras), também da necessidade intrínseca ao homem de registrar suas vivências; isso ocorreu de modo especial dentro da comunidade surda, pois a sua literatura visual possui como assunto marcante os processos de identificação e diferenciação – concomitantemente singularização e empoderamento dos sujeitos surdos. De forma particular, nas múltiplas e facetadas identidades por eles adquiridas no encontro surdo-ouvinte ou dentro da própria comunidade no encontro surdo-surdo, dada a biculturalidade dos ambientes sociais.

Nesse sentido, corrobora e complementa a definição sobre Literatura Surda da autora brasileira Karin Strobel, em que retrata, no intuito de uma descrição completa, aspectos sociais, culturais e da subjetividade surda:

A literatura surda refere-se às várias experiências pessoais do povo surdo que, muitas vezes, expõem as dificuldades e ou vitórias das opressões ouvintes, de como se saem em diversas situações inesperadas, testemunhando as ações de grandes lideres e militantes surdos e sobre a valorização de suas identidades surdas. (STROBEL, 2008, p. 56)

## Lodenir Karnopp também explicita que:

Literatura surda é uma literatura que respeita a cultura surda e suas identidades, é feita pelo surdo, com histórias de surdos e voltada para o público surdo. Faz-se necessário viabilizar uma produção em forma de imagens para criar condições que atenda a característica visuo-espacial do surdo. (KARNOPP, 1989, p. 102)

Com os traços que remetem à identidade, tal como a harmonização da história de um escritor ouvinte adaptada para a realidade das vivências surdas, contendo elementos no enredo do cotidiano surdo – como as felicidades e agruras existenciais, familiares, educacionais e sociais –, a obra escrita em língua de sinais (ELS), que denota uma valorização e um reconhecimento da cultura, expressa-se na escrita de sinais por meio dos cinco parâmetros para a realização de um sinal em Libras, são eles: configuração de mão, ponto de articulação, orientação, movimento e expressão facial e/ou corporal e a presença de gêneros literários

distintos e variados voltados para as pessoas de diferentes idades da comunidade surda. Esses fatores geram a aproximação dos surdos com sua própria literatura, desencadeando uma maior recepção e entendimento do conteúdo abordado.

Demonstrando que, segundo a perspectiva de cultura no campo dos Estudos Culturais, a Literatura Surda faz parte da cultura surda, pois "a cultura é uma ferramenta de transformação, de percepção, a forma de ver diferente, não mais de homogeneidade, mas de vida social constitutiva de jeitos de ser, de fazer, de compreender e de explicar" (STROBEL, 2008, p. 18), tendo papéis sociais idênticos. Tal definição traz palavras que giram em torno do campo semântico da ação, ativismo em torno da identidade que o povo surdo trás para si, para os seus. A cultura é caracterizada como a literatura anteriormente, por seu papel modificador, humanizador e dinâmico.

## 2.3 Cultura Surda — Produções e artefatos culturais

Antes de adentrar nas minúcias dessa cultura surda, é oportuno defini-la de acordo com o seu viés de cultura visual – em que há espaço para a ELS, para a comunicação em Libras e para os gestos desenvolvidos por famílias com integrantes surdos e ouvintes que ainda desconhecem os benefícios da língua de sinais – pelo reconhecimento da diferença, e não da deficiência por transitar entre diferentes gêneros literários e pelo envolvimento social. Como bem retrata Perlin (1998, p. 56): "A cultura surda como diferença se constitui numa atividade criadora. Símbolos e práticas jamais conseguidos, jamais aproximados da cultura ouvinte. Ela é disciplinada por uma forma de ação e atuação visual e não auditiva."

Sobre essa questão, também caracteriza Strobel, na intenção de abarcar uma definição:

Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de se torná-lo acessível e habitável ajustando-os com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das "almas' das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos de povo surdo. (STROBEL, 2008, p. 24)

E atesta Skliar:

Não me parece possível compreender ou aceitar o conceito de cultura surda senão através de uma leitura multicultural, ou seja, a partir de um olhar de cada cultura em sua própria lógica, em sua própria historicidade, em seus próprios processos e produções. (SKLIAR, 1998, p. 28)

Assim, dentro dessa cultura, as minúcias vão se expondo como artefatos culturais, como caracteriza Strobel (2008), e não somente como produção de objetos proveniente do trabalho humano, oriundo de um sujeito, de uma comunidade ou de um determinado povo, mas tudo o que envolve a cultura de uma comunidade de forma material e imaterial, visual e sensorial, como vestuário, tradições, valores e normas.

Alguns dos artefatos culturais conhecidos são a experiência visual – artefato que possibilita o surdo compreender o mundo ao seu redor e suas relações internas –; o linguístico – que correlaciona a língua de sinais às questões de identidade e de pertencimento a uma comunidade, uma cultura e à valorização dessa cultura, além de viabilizar a comunicação de um surdo com o seu par ou um ouvinte –; familiar – primeiro núcleo, ou não, do sujeito surdo em contato e desenvolvimento com a cultura surda –; a Literatura Surda – consolidação e orgulho para as futuras gerações de obras que contêm as memórias das vivências surdas –; a vida social e esportiva – acontecimentos de sociabilização, cultura, lazer e esporte –; as artes visuais – produções artísticas que retratam a subjetividade surda, envolvendo a cultura, relatos biográficos e sentimentos –; política – luta e manifestação do povo surdo em prol dos devidos direitos –; e material – produtos desenvolvidos para facilitar a acessibilidade, a comunicação e o cotidiano dos indivíduos surdos.

Como apresentado antes, indissociável à questão literária está a cultura, constantemente presente nos registros surdos, os quais assumem papel de divulgação da própria cultura, ato por si só de resistência e que levanta a questão do mecanismo utilizado para a comunicação de uma literatura com a outra e da Literatura Surda para com seus leitores. Enquanto de um lado se utiliza a folha impressa ou em formato digital, do outro, utiliza-se o acesso à internet, as mídias sociais, os vídeos, os livros digitais, o apoio e incentivo por parte de professores capacitados e as escolas inclusivas para que as crianças traduzam, adaptem e criem suas próprias histórias.

Nesses registros, há como tema recorrente e, em muitas obras, central, a identidade e a alteridade. A identidade não somente em seu sentido denotativo de identificação, segundo um conjunto de características físicas próprias de alguém que a particularize dos outros, essas seriam generalizações puramente externas, relacionadas à estrutura corporal, neste caso, à deficiência; mas no sentido conotativo de caracterizar uma pessoa pelo que a faz sujeito "[...]

como o indivíduo consciente, intencional, atual e interativo" (GONZÁLEZ, 2003, p. 21) e como "[...] pessoa viva, ativa, presente, pensante, que se posiciona, processos através dos quais produz sentido subjetivo no próprio curso da atividade" (GONZÁLEZ, 2004, p. 21).

No processo de elaboração desses sentidos subjetivos, que englobam expressões emocionais e toda uma produção e recepção cultural, está presente a alteridade, que é refletir sobre a identidade e, ao mesmo tempo, a diferença, é não pensar somente em si, mas em um contexto mais amplo e social, no que está fora, no outro. São ainda palavras binárias que caminham juntas, ora afirmando um ponto que necessariamente nega outros – "sou branca, não negra", "sou católica, não espírita", ora demonstrando que a negação também faz parte da constituição de uma afirmação própria – "esta sou eu, logo estes são os outros", como afirma Tomaz Tadeu da Silva (2011, p. 2) em seu artigo sobre as ambiguidades do multiculturalismo e da diversidade: "A mesmidade (ou a identidade) porta sempre o traço da outridade (ou da diferença)."

Essas extremidades situacionais do cotidiano se complementam e salientam a importância de não reduzir o sujeito a uma limitação corpórea, de não tratar o surdo, como exemplo, tendo em vista primeiramente o impedimento auditivo, tal como mostra o significado de deficiência em um dicionário on-line: "defeito que uma coisa tem ou perda que experimenta na sua quantidade, qualidade ou valor". Expressões já cristalizadas segundo a perspectiva da deficiência como uma desvantagem social. Fala errônea que a Organização das Nações Unidas na Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, em 2007, tentou modificar:

Reconhecendo que a deficiência é um conceito em evolução e que a deficiência resulta da interação entre pessoas com deficiência e as barreiras devidas às atitudes e ao ambiente que impedem a plena e efetiva participação dessas pessoas na sociedade em igualdade de oportunidades com as demais pessoas. (ONU, 2006)

## Ainda, confirma que:

Pessoas com deficiência são aquelas que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdades de condições com as demais pessoas. (ONU, 2006)

Logo, por questões já expressas, os impedimentos de qualquer natureza estão atrelados mais fortemente a questões políticas, sociais, educacionais e identitárias do que ao discurso superficial da impossibilidade do fazer devido à deficiência; este termo "é um conceito que denuncia a relação de desigualdade imposta por ambientes com barreiras a um corpo com impedimentos" (DINIZ et. al, 2009, p. 65).

É o que Carlos Skliar problematiza em seu trabalho sobre a normalidade, no livro *A surdez - um olhar sobre as diferenças*, a respeito de haver a tentativa de normalização e medicalização do sujeito surdo em um sujeito adaptado, oralizado em relação ao padrão ouvintista que, por ser hegemônico, subjuga de diversas formas os que representam uma minoria, submetendo a identidade, cultura, língua e vivências, características que constituem o indivíduo. É não compreender uma diferença com o devido reconhecimento político e transformá-la em alteridade, como algo próprio exclusivamente do outro e que, por não ter em mim ou não fazer parte da minha vida, não tem relevância, gerando exclusão e afastamento.

#### 2.4 Tradução, adaptação e criação na Literatura Surda

Dentro da perspectiva da cultura surda, que é indissociável da Literatura Surda e que verte necessariamente em obras literárias voltadas para o povo surdo, podendo ser escrita por eles ou por ouvintes, há três divisões desse tipo de produção cultural, as quais são tradução, adaptação e criação. Essas divisões são classificatórias e existem com o intuito de categorizar o grau de aproximação dos textos com a cultura surda.

A tradução se caracteriza, como o próprio nome diz, por transpor um livro em qualquer língua para a língua de sinais. Produção que se torna significativa principalmente para as crianças surdas, pois, dessa forma, conhecerão a cultura dos ouvintes, numa relação intercultural, como reitera Mourão (2012, p. 3): "Tais materiais contribuem para o conhecimento e divulgação do acervo literário de diferentes tempos e espaços, já que são traduzidos para a língua utilizada pela comunidade surda"; como nos dois volumes das 6 Fábulas de Esopo, da editora LSB Vídeo, traduzidas pelo poeta surdo Nelson Pimenta, e nos dois volumes das Aventuras da Bíblia, da editora Sociedade Bíblica do Brasil (SBB).





Figura 1 – Obras traduzidas

A seguir, um trecho d'*Os Três Porquinhos* e d'*A Branca de Neve* exemplifica o conteúdo de uma obra traduzida do português para a Libras. Aponta-se sua relevância não somente para que os surdos conheçam a cultura ouvinte e se familiarizem com o tipo de produção escrita e os ensinamentos perpassados pelas gerações ouvintistas, em uma relação intercultural, mas que o contrário também aconteça, principalmente de forma bilateral/bicultural, como o aprendizado aos ouvintes, para que também saibam mais sobre a cultura e a Literatura Surda, e conheçam a língua, os sinais e as expressões corporais que os surdos utilizam para se comunicar.



Figura 2 – Trechos Os Três Porquinhos e A Branca de Neve

A adaptação se defini como uma releitura do enredo original com possíveis modificações nos personagens, objetos, descrições, língua ou cultura; aspecto que favorece o povo surdo no tocante ao fortalecimento de sua própria identidade, dado o fato de se identificarem com a história ou com o personagem, porque o discurso traz representações sobre os surdos (MOURÃO, 2012). Há como exemplo *Cinderela Surda* e *Rapunzel Surda*, de Hessel, Rosa e Karnopp; *Patinho Surdo* e *Adão e Eva*, de Fabiano Rosa e Lodenir Karnopp; e todos da Editora da ULBRA.



Figura 3 – Obras adaptadas

Abaixo, vê-se três modelos de textos adaptados, um refente à história de *Adão e Eva*, outra d'*O Patinho Surdo*, adaptação *d'O Patinho Feio*, e *Cinderela Surda*, adaptação de Cinderela. As duas primeiras imagens mostram algo primordial para o povo surdo, por intermédio de personagens que na história original eram ouvintes e tiveram suas identidades e sua língua adaptadas pelos novos autores, ou seja, a conquista da língua de sinais, assim "uma das peculiaridades da cultura surda, é uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, sendo que é esta língua que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição de conhecimento universal" (STROBEL, 2008, p. 44).

A próxima imagem, além de trazer os personagens principais como surdos, mostra que na nova adaptação de *Cinderela*, ela, ao invés de perder a sapatilha que representa o pé, perde

a sua luva que representa e encobre a mão, a mão que faz os sinais, o agente produtor da comunicação.

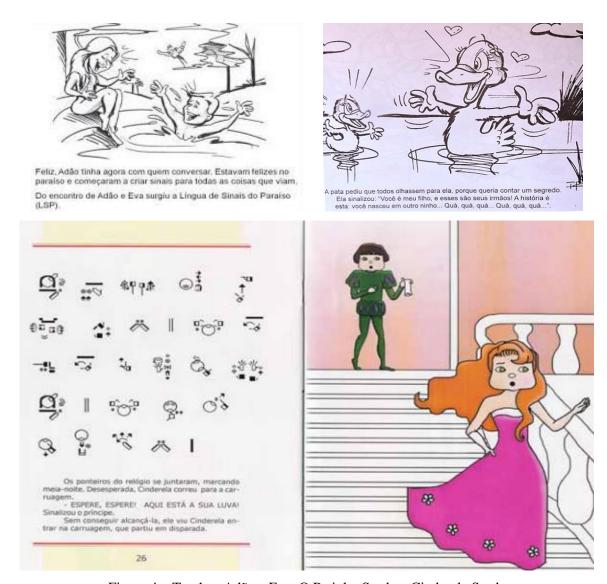


Figura 4 – Trechos Adão e Eva, O Patinho Surdo e Cinderela Surda

A criação é a produção de um texto autoral em Libras, sem ligação com a cultura oral. Desse tipo, temos *Tibi e Joca – Uma História de Dois Mundos*, de Cláudia Bisol, da Editora Mercado Aberto; *As Estrelas de Natal*, de Karin Strobel e Alessandra F. Klein, da Editora Arara Azul; *O Feijãozinho Surdo*, de Liège Gemelli Kuchenbecker, da Editora da ULBRA; e *Um Mistério a Resolver: O Mundo das Bocas Mexedeiras*, de Maria A. Amin de Oliveira, Maria Lúcia Mansur Bomfim de Oliveira e Ozana Vera Giorgini de Carvalho, da Editora LSB Vídeo.

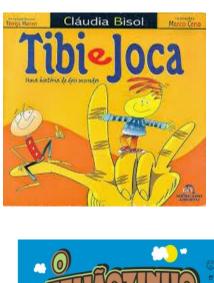








Figura 5 – Obras criadas

Dentro dos exemplares apresentados como exemplo de criação, elucida-se aqui mais especificamente trechos de *Tibi e Joca* e *O Feijãozinho Surdo*, posto que, no primeiro livro, a autora traz cenas iniciais da vida de um sujeito surdo, esteja ele inserido no contexto de uma família ouvinte ou surda, além de demonstrar a realidade familiar e social por ele vivida, por meio de imagens e alguns sinais ao longo da obra. N'*O Feijãozinho Surdo*, em meio a um processo criativo, a autora reinventa os surdos se utilizando de um produto amado pelos brasileiros, o feijão, em uma apologia à semente que é plantada em bom solo, germina, cresce e dá outras sementes. Na figura desse grão, ela retrata os êxitos, os desafios e as perturbações das crianças surdas.







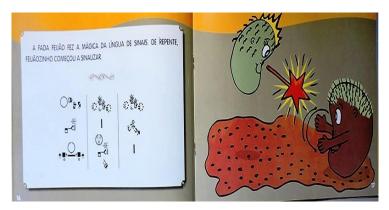


Figura 6 – Trechos Tibi e Joca e O Feijãozinho Surdo

#### **CAPITULO 3 – METODOLOGIA**

A presente pesquisa tem o propósito de investigar quais produções foram criadas pelos surdos e quais foram criadas pelos ouvintes, se as obras foram criadas, adaptadas ou traduzidas da Língua Portuguesa para a Libras, sendo a pesquisa de cunho bibliográfico e exploratório.

A pesquisa começou, primeiramente, analisando quais são as obras da Literatura Surda que já foram produzidas até o ano de 2015. Assim que foram coletadas, em um total de 126 obras, foi criado um banco de dados, montado no programa Excel, em que foram divididos em dez partes, especificados como: a obra literária, nome do autor ou do recompilador, gênero textual, nome da editora, ano de publicação, se a obra foi criada pelo surdo ou pelo ouvinte e o tipo de produção: tradução, adaptação ou criação.

O modo pelo qual se deu o ato da coleta visou a máxima precisão dos dados, compondo-se a tabela de resultados baseada nos sites de editoras, por meio das palavraschaves Libras, surdo, diversidade, literatura infantil, diferença e bilíngue; apurando-se todo o conjunto de informações encontrado, sendo que outras obras de outras editoras podem não ter sido catalogadas por não terem sido encontradas.

Visando isso, foi definido que o conteúdo da pesquisa seria reunir todas as obras literárias destinadas ao público infantil – fábula, conto, lenda, apólogo, narrativas bíblicas –, publicadas por editoras brasileiras em material bilíngue Português/Libras ou trilíngue Português/Libras/ES, o tipo de produção – tradução, adaptação ou criação –, os autores – se são surdos ou ouvintes –, o ano de publicação e os gêneros textuais, a fim de, após obter os resultados, apurar o que eles demonstram significar.

Posteriormente, durante as procuras, foram catalogados os livros devidos, inclusive todos os não comumente dado às crianças, como novelas, poesias, piadas, romances e peças. Assim, fez-se importante analisar também o que vem sendo produzido em meio impresso para o povo surdo em escrita de sinais ou *signwriting*, como forma de reafirmação e de empoderamento da cultura surda perante a necessidade de obras escritas dos ouvintes, e, da mesma forma, a divulgação e o conhecimento dessa cultura por surdos e ouvintes; reiterando essas observações sem perder o foco do tema central desta monografia: Literatura Infantil Surda.

Com isso, qual seria a motivação interior para esta pesquisa, tendo em vista também esse recorte? Investigar a intensidade de produção das obras, a importância que as editoras

dão a essa literatura, qual gênero textual é predominante e as implicações disso, se escritores surdos estão inseridos no contexto de elaboração e quais são os tipos de produção mais escolhidos.

Em um segundo momento, mesmo que não se pensava adentrar em contextos editoriais e em relacionar críticas a eles, as buscas conduziram para isso, uma vez que optouse por não trabalhar com vídeos informais encontrados na internet — considerando que a busca, e catalogação, de títulos, do ano de postagem, dos autores e da origem deles seria muito complexa, de difícil delimitação, além de já existir outros pesquisadores que optaram por essa linha de pesquisa, logo, optou-se por vídeos acompanhados de materiais impressos, encontrados somente em editoras.

## CAPITULO 4 – ANÁLISE DE DADOS

Os dados pesquisados conduziram a um recorte no tempo de 16 anos, portanto, foram encontradas obras de 1999 até 2015. O total de livros chega ao ínfimo número de 130, publicados por 12 editoras diferentes: Cassol – 1; Editoração própria – 1; CORAG – 1; Gráfica Pallotti – 1; Lovise – 1; Mercado Aberto – 1; SBB – 2; ULBRA – 5; Kit LIBRAS é Legal – 5; LSB Vídeo – 22; Arara Azul – 24; e Ciranda Cultural – 66. Esses números, por um lado, revelam a baixa publicação e preocupação por parte das editoras em divulgar/discutir/propagar a cultura surda, e por outro, uma falta de conhecimento e empoderamento das famílias com entes surdos em lutar por mais materiais próprios e diversificados.

A começar pela temática e pelo tipo de produção, dentro dessas 126 obras, há 52 estórias que foram traduzidas para a escrita de sinais ou Libras, a exemplo *Alice no País das Maravilhas* e *Peter Pan*. Considerando essas traduções, apenas uma, *O Passarinho Diferente*, de Ben Bahan, abordava a temática propriamente surda. Com outras obras, ocorreram sete adaptações de personagens ouvintes para surdos e componentes pertencentes ao cotidiano deste povo – representação, língua, convivência, respeito, aceitabilidade –, em narrativa bíblica (*Adão e Eva*), conto (*Cinderela Surda*) e fábula clássica (*A Cigarra Surda e as Formigas*); e o tipo criação em Libras foi o mais fértil, totalizando 71 produções, envolvendo novela, conto, apólogo, poesia, fábula e lenda.

Essa liberdade de gêneros serviu para o conteúdo das narrativas que dialogaram não só sobre a tônica auditiva, mas principalmente sobre outras diferenças físicas, inclusão, resiliência e diversidade, retratadas pelas editoras Arara Azul e Ciranda Cultural.

Fazendo-se importante acrescentar uma desaprovação sobre os sites dessas empresas, que se demonstram incompletos em relação às informações sobre seus livros, não expondo, em muitos casos, resumo, gênero ou ano de publicação. Outro detalhe é a banalização do termo adaptação, como se adaptar fosse transpor um texto recopilado de português para a Libras, sendo utilizado dessa maneira pelas editoras LSB Vídeo, Ciranda Cultural e Arara Azul, causando dúvidas e transtornos ao leitor que busca informações sobre determinado livro.

Retornando ao assunto enredo, nota-se a predominância na apuração de fábula – 48; conto – 42; e apólogo – 9. Gêneros destinados a todas as idades, mas consagrados para as crianças por sua escrita linear, temática simples, presença de animais e ensinamento/moral ao

final dos acontecimentos. Demonstrando uma ausência na elaboração de livros para a população infantojuvenil, representado nos seguintes números: poesia – 5; narrativa bíblica – 4; romance – 4; novela – 2; e peça – 1.

Analisando também os autores envolvidos nessas narrativas, as buscas resultaram em um total de 25 escritores, sendo nove surdos e 16 ouvintes. Constatando-se que dentro da Literatura Surda Infantil Brasileira há mais escritores ouvintes que propriamente surdos, o que é um dado inesperado e alerta para o que está por detrás desse atípico resultado.

Tabela 1: dados sobre as obras literárias

							Tipo de produção		
Obra Literária	Autor e Autor Recompilado	Gênero textual	Editora	Publicação	Surdos	Ouvintes	Tradução	Adaptação	Criação
A Cigarra Surda e as Formigas	Boldo e Elisabete	Fábula	CORAG	2004	0	X		*	
O Som do Silêncio	Cláudia Cotes	Novela	Lovise	2004		X			>
Tibi e Joca	Cláudia Bisol	Conto	Mercado Aberto	2001	0				>
Cinderela Surda	HESSEL; ROSA; KARNOPP	Conto		2003	00	X		*	
Patinho Surdo	Fabiano Rosa e Lodenir Karnopp	Conto		2005	0	X		*	
O Feijãozinho Surdo	Liège Gemelli Kuchenbecker	Apólogo		2009		X			>
Rapunzel Surda	Hessel; Rosa; Karnopp	Conto		2003	0			*	
Adão e Eva	Fabiano Rosa e Lodenir Karnopp	Narrativa Bíblica	ULBRA	2005	0	X		*	
Aventuras da Bíblia - vol. 1	Desconhecido	Narrativa Bíblica		2014			;		
Aventuras da Bíblia - vol. 2	Desconhecido	Narrativa Bíblica	SBB	2015			;		
As Aventuras de Pinóquio	Carlo Lorenzini (Collodi)	Conto		2006		X	;		
Bandeira do Brasil	Nelson Pimenta	Poesia			0				>
Natureza	Nelson Pimenta	Poesia			0				>
Língua Sinalizada e Língua Falada	Nelson Pimenta	Poesia			0				>
O Pintor de A a Z	Nelson Pimenta	Poesia			0				>
O Passarinho Diferente	Ben Bahan	Fábula			0		;		
Os Três Porquinhos	Joseph Jacobs	Conto				X	;		
Chapeuzinho Vermelho	Charles Perrault	Conto		1999		X	;		
A Lebre e a Tartaruga	Esopo	Fábula				X	;		
O Sapo e o Boi	Esopo	Fábula				X	;		
O Lobo e a Cegonha	Esopo	Fábula				X	;		
A Reunião Geral dos Ratos	Esopo	Fábula				X	;		
O Leão Apaixonado	Esopo	Fábula				X	;		
A Queixa do Pavão	Esopo	Fábula		2002		X	;		
A Raposa e as Uvas	Esopo	Fábula				X	;		
As Gêmeas e o Galo	Esopo	Fábula				X	;		
O Cão e o Pelicano	Esopo	Fábula				X	;		
Os Pelicanos Amigos	Esopo	Fábula				X	;		
O Cão e seu Osso	Esopo	Fábula				X	;		
O Sol e o vento	Esopo	Fábula		2009		X	;		
Um Mistério a Resolver	Oliveira; Oliveira; Carvalho	Conto		2008		XXX			>
A Árvore de Natal	Fernanda Machado	Poesia	LSB Vídeo	2005	0				>

A Bela Adormecida Márcia Honora e Mar A Bela e a Fera Márcia Honora e Mar A Pequena Sereia Márcia Honora e Mar Branca de Neve Márcia Honora e Mar Chapeuzinho Vermelho Márcia Honora e Mar	y Esteves Conto y Esteves Conto			XX	;	
A Pequena Sereia Márcia Honora e Mar Branca de Neve Márcia Honora e Mar Chapeuzinho Vermelho Márcia Honora e Mar	y Esteves Conto				;	
Branca de Neve Márcia Honora e Mar Chapeuzinho Vermelho Márcia Honora e Mar						
Chapeuzinho Vermelho Márcia Honora e Mar	u Hictoriae III onto	-		XX	;	
				XX	;	_
0' 1 1				XX	;	
Cinderela Márcia Honora e Mar	y Esteves Conto			XX	;	
O Patinho Feio Márcia Honora e Mar	y Esteves Conto			XX	;	
Os Três Porquinhos Márcia Honora e Mar	y Esteves Conto			XX	,	
Pinóquio Márcia Honora e Mar				XX	;	
Rapunzel Márcia Honora e Mar			2010	XX		
A Fragilidade de Rebeca Márcia Honora	Fábula		2010	X	,	>
As Preferências de Rubinho Márcia Honora	Fábula	-				>
		-		X		_
O Papagaio Cantor Márcia Honora	Fábula			X		>
O Mundo de Leonardo Márcia Honora	Fábula			X		>
O Treinamento de Patrícia Márcia Honora	Fábula			X		>
Os Esquecimentos do Vovô Bartolomeu Márcia Honora	Fábula			X		>
Os Passos de Luana Márcia Honora	Fábula			х		>
Um Jardim só para Matias Márcia Honora	Fábula			х		>
Uma Missão Possível Márcia Honora	Fábula			X		>
	Fábula		2010			>
			2010	X	-	_
A Escola da Tia Maristela Márcia Honora	Fábula			X		 >
Nem todas as Girafas são iguais Márcia Honora	Fábula			X		>
A Família sol, lá, si Márcia Honora	Fábula			X		>
O Canto de Bento Márcia Honora	Fábula			X		>
Uma Tartagura a mil por hora Márcia Honora	Fábula			X		>
O Charme de Tuca Márcia Honora	Fábula			X		>
O Problema da Centopeia Zilá Márcia Honora	Fábula	-				>
		-		X		-
Dognaldo e sua Nova situação Márcia Honora	Fábula			X		>
Uma Formiga Especial Márcia Honora	Fábula			X		>
Uma Amiga Diferente Márcia Honora	Fábula		2008	X		>
Um Senhor Amigo Márcia Honora	Fábula			X		>
Nada como o lar Márcia Honora	Fábula			Х		>
A Descoberta de Leila Márcia Honora	Fábula			х		>
Um presente de meus pais Márcia Honora	Fábula			X		>
	Fábula					_
Uma Lição de Carinho Márcia Honora		-		X		>
A Esperança de Jubinha Márcia Honora	Fábula			X		>
A vida tem dessas coisas Márcia Honora	Fábula			X		>
A Dieta de Jorge Márcia Honora	Fábula			X		>
O amor tem todas as cores Márcia Honora	Fábula			X		>
Tecendo o Amor Márcia Honora	Fábula		2009	Х		>
Artes Márcia Honora e Antó				XX		>
Folclores e Lendas Márcia Honora e Antó						
				XX		
Festas Populares Márcia Honora e Antó		-		XX		>
A influência africana no nosso idioma  Márcia Honora e Antó				XX		>
Jogos, Brincadeiras e Cantigas Márcia Honora e Antó				XX		>
Culinária Afro-Brasileira Márcia Honora e Antó	onio Dias Conto			XX		>
Atualidades em Africanidades Márcia Honora e Antó	ònio Dias Conto			XX		>
Personalidades e Personagens Márcia Honora e Antó				XX		>
A História dos Africanos no Brasil Márcia Honora e Antó				XX		>
Religião Africana no Brasil Márcia Honora e Antó			2010			>
			2010	XX		_
O Bicho de Folhas Márcia Honora e Antó				X		>
A Gazela e o Caracol Márcia Honora e Antó				X		>
A Menina e o Barril Márcia Honora e Antó				X		>
A Terra dos Cachorros Márcia Honora e Antó	onio Dias Conto e Lenda			X		>
O Cão que falava Márcia Honora e Antó	onio Dias Conto e Lenda			X		>
O Macaco e o Hipopótamo Márcia Honora e Antó				X		>
O Macaco de nariz branco Márcia Honora e Antó				X		>
O que mata o homem é a língua Márcia Honora e Anto						>
				X		
Qual é a parte mais importante do corpo humano? Márcia Honora e Antó			2015	X		>
Sapos e Cobras Márcia Honora e Antó			2013	X		>
A Lua Brilhante Silvia Helena Roos Le	encine Apólogo			X		>
O Pinguinho de Chuva Silvia Helena Roos Le	encine Apólogo			X		>
O Solzinho Amarelo Silvia Helena Roos Lo				х		>
A Estrelinha Saltitante Silvia Helena Roos Le				X		>
O Arco-Íris Colorido Silvia Helena Roos Lo				X		>
		Cirondo Cultural	2010			>
Branca, a Nuvenzinha Silvia Helena Roos Lo	encine Apólogo	Ciranda Cultural	2010	X		 

A1' D / 1 M '11	r ' C 11	C 4		2002					
Alice no País das Maravilhas	Lewis Carroll	Conto Conto		2002		X	;		
Alice para Crianças	Lewis Carroll					X	;		
As Estrelas de Natal	Karin Strobel e Alessandra Klein	Apólogo		2015	0	X			>
O Cortiço em Libras	Aluísio Azevedo	Romance		2015		X	;		
O Caso da Vara	Machado de Assis	Conto		2005		X	;		
A História de Aladim e a Lâmpada Maravilhosa	Desconhecido	Conto		2004			;		
O Velho da Horta	Gil Vicente	Peça		2004		X	;		
A Ilha do Tesouro	Robert Louis Stevenson	Romance		2008		X	;		
Peter Pan	J. M. Barrie	Conto		2009		X	;		
Iracema	José de Alencar	Romance		2002		X	;		
O Alienista	Machado de Assis	Novela		2004		X	;		
A Missa do Galo	Machado de Assis	Conto		2005		X	;		
O Relógio de Ouro	Machado de Assis	Conto		2005		X	;		
A Cartomante	Machado de Assis	Conto		2005		X	;		
Dom Quixote	Miguel de Cervantes	Romance		2009		X	;		
O Soldadinho de Chumbo	Hans Christian Andersen	Conto		2011		X	;		
João e Maria	Jacob e Wilhelm Grimm	Conto		2011		XX	;		
Uma Aventura do Saci-Pererê	Clélia Regina Ramos	Lenda		2011		X			>
O Gato de Botas	Charles Perrault	Conto		2011		X	;		
Fábulas	La Fontaine	Fábula		2011		X	;		
A Cigarra e a Formiga	Esopo	Fábula		2013		X	;		
A Galinha dos Ovos de Ouro	Desconhecido	Conto		2013			;		
A Coruja e a Águia	La Fontaine	Fábula		2013		X	;		
As Aventuras de Pinóquio	Carlo Lorenzini (Collodi)	Conto	Arara Azul	2003			;		
Viva as Diferenças	Desconhecido	Desconhecido							>
Cachos Dourados	Desconhecido	Conto					;		
Ivo	Desconhecido	Desconhecido							>
História da Árvore	Desconhecido	Piada							>
Adão e Eva	Desconhecido	Narrativa Bíblica	Libras é Legal	2003				*	
A Lenda da Erva-Mate	Dalmazzo; Casarin; Machado	Lenda	Gráfica Pallotti	2006		XXX	;		
A Fábula da Arca de Noé	Cláudio Henrique Nunes Mourão	Fábula	Cassol	2013	0			*	
Casal Feliz	Cleber Couto	Apólogo	(-)	2010	0				>

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Após a pesquisa e a análise de dados feitas neste trabalho, conclui-se, concordando com Cláudia A. Bisol e Carla Beatris Valentini (2011, p.2), que "Cultura Surda é, portanto, uma expressão positiva. Refere-se a um olhar que se constrói sobre a surdez enquanto experiência visual, indicando orgulho e identidade compartilhados", portanto, apresenta-se de extrema importância para o crescimento de uma criança e o desenvolvimento de uma noção de representatividade, pertencimento, empoderamento a partir de seus pares.

Unida a esse senso de coletividade, tendo como base a existência, não só de pequenos grupos ou comunidades, mas de um povo surdo, soma-se a Literatura Surda que, por intermédio do letramento cultural, promove também a construção da identidade cultural do sujeito que a utiliza.

Assim, apoiando-se no papel transformador da literatura, a coleta de informações apontou que a produção de materiais bilíngues ou trilíngues, voltados especialmente para o público surdo, não é suficiente, caminha a passos lentos rumo a um número aceitável, já que ainda existe a falta de conhecimento e de incentivo à produção de obras biculturais. Além disso, os gêneros textuais mais escolhidos, na grande maioria, são para o grupo infantil e, de certa forma, proporcionalmente, os autores surdos estão menos envolvidos do que os ouvintes nessa elaboração. Um último e interessante ponto a ser tratado é a diversidade de conteúdo encontrada nos tipos de livros criados, os quais não retratam somente questões caras aos surdos, mas a todo o tipo de impedimento de natureza física, intelectual ou sensorial.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. Fragmentos de um discurso amoroso. Rio de Janeiro: F. Alves, 1981. 2ª ed.

DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. In: *Estudos de literatura brasileira contemporânea*. Brasília, 2005. N. 26, p. 13-71.

MATA, Anderson Luís Nunes da. *O silêncio das crianças: representações da infância na narrativa brasileira contemporânea*. Londrina: Eduel, 2006.

Contos de fadas: de Perrault, Grimm, Andersen & outros / apresentação Ana Maria Machado; tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

STROBEL, Karin. As imagens do outro sobre a cultura surda. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2008.

SKLIAR, Carlos. Os Estudos Surdos em Educação: problematizando a normalidade. In:
\_\_\_\_\_\_. (org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 1998. Cap. 1, p. 7-32.

PERLIN, G. T. T. Identidades surdas. In: SKLIAR, C. (org.). A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998. Cap. 3, p. 51-73.

SÁ, Nídia Regina Limeira de. *Cultura, Poder e Educação de Surdos*. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2002.

KARNOPP, Lodenir Becker. *Literatura Surda*. Material elaborado para uso na disciplina "Introdução aos Estudos Literários", do curso de Licenciatura em Letras-Libras, na modalidade à distância. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

KARNOPP, Lodenir Becker. *Literatura Surda. ETD - Educação Temática Digital*, Campinas, SP, v. 7, n. 2, p. 98-109, nov. 2008.

RIBEIRO, Nayara Piovesan; PEREIRA, Vinícius Carvalho. A divulgação e consumo da literatura surda: um mapeamento dos estudos acerca das produções literárias em Língua brasileira de sinais. In: *Revista diálogos: linguagens em movimento*. Ano III, N. I, jan.-jun., 2015.

ROSA, Fabiano Souto; KLEIN, Madalena. *Literatura Surda: marcas surdas compartilhadas*. CIC, 18, ENPOS, 11, MOSTRA CIENTÍFICA, 1, 2009, Pelotas. *Anais...* Rio Grande do Sul, Universidade Federal de Pelotas, 2009, p. 1-5.

DINIZ, Debora; BARBOSA, Lívia; SANTOS, Wederson Rufino dos. Deficiência, direitos humanos e justiça. *Sur, Rev. int. direitos human.*, São Paulo, v. 6, n. 11, p. 64-77, Dec. 2009.

MEDEIROS, Maria Gorete de; CABRAL, Maria do Socorro Leal. LITERATURA VISUAL/SURDA: relevância e encorajamento à sua produção nas escolas. In: *CINTEDI - Congresso Internacional de Educação e Inclusão*, 2014, Campina Grande - Paraíba. ANAIS CINTEDI - 2014, 2014. v. 01. p. 01.

GONZÁLEZ REY, Fernando. *Sujeito e Subjetividade: uma aproximação histórico-cultural.* São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

GONZÁLEZ REY, Fernando. *O social na psicologia e a psicologia social: a emergência do sujeito*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org. e trad.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73-102.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS [ONU]. 2006. Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência. Doc. A/61/611. Nova Iorque.

MOURÃO, C. H. N. Adaptação e Tradução em Literatura Surda: a produção cultural surda em língua de sinais. In: IX Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul - ANPED SUL, 2012, Caxias do Sul-RS. ANAIS DO IX ANPED SUL 2012. Caxias do Sul/RS: UPPLAY, 2012. p. 1-18.

QUADROS, Ronice Muller de . Educação de surdos: a aquisição da linguagem. 1. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. v. 1. 126p.

ROSA, Fabiano S.; Literatura surda: criação e produção de imagens e textos. ETD. Educação Temática Digital, Campinas, v. 07 N 2, p. 58-64, 2006.

KARNOPP, L. B.; KUNZENDORF, Gisele; ROSA, F. S.; SILVEIRA, C. H. . Sinais de Cinderela e Rapunzel: narrativas em língua de sinais. Revista de Iniciação Científica da ULBRA, v. 1, p. 223-230, 2003.

Bisol, C. A. & Valentini, C. B. Cultura Surda. Objeto de Aprendizagem Incluir – UCS/FAPERGS, 2011. Disponível em http://www.grupoelri.com.br/Incluir/downloads/OA\_SURDEZ\_Cultura\_Surda\_Texto.pdf. Acessado em 04/07/2016.